

## PINGA-FOGO

■ **ANDREI RODRIGUES VIRA O ALVO DA IRA DO PT - O caso do senador Jaques Wagner é mais grave do que se pode imaginar ou prever. Ele era um desastre anunciado, como o Correio da Manhã apontou em três manchetes de primeiras páginas nos meses de janeiro e fevereiro de 2026.**

■ Quem conhece o PT sabe o clima de “barata voa” que se formou nesta quinta, 18 de junho, uma semana antes das fogueiras juninas. Foi um dia de muito dedo na cara, acusações e o alvo predileto dos petistas foi o diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Augusto Passos Rodrigues. Descobriram que, como na fábula holandesa do garotinho com o dedo no buraco da represa, o moço havia viajado para o exterior e a represa estourou. Alagou um dos maiores redutos eleitorais de Lula, já que a Bahia e o Ceará são os fiéis da balança da reeleição petista.

■ A imagem que mais irritou os petistas foi a foto dos 49 montinhos de mil dólares cada, arrumados artisticamente para parecer uma fortuna, que foi divulgada horas depois da operação da PF.

■ Quando Andrei Rodrigues assumiu, ele foi claro: só tinha uns cinco nomes de confiança. A Polícia Federal estava dividida entre os lavajatistas e os bolsonaristas. Ficou demonstrado que o diretor-geral não coordena a casa. Os três ministros da Justiça do governo Lula, na ordem de posse, Flávio Dino, Ricardo Lewandowski e o atual, o também baiano Wellington Lima, indicado por Jaques Wagner e Rui Costa, tiveram problemas com Andrei e sua linha direta com Lula.

■ A ala política do governo e o próprio Ministério da Justiça cobraram duramente Andrei Rodrigues pelo fato do Palácio do Planalto não ter sido alertado sobre os mandados de busca e apreensão contra o líder do governo. O diretor-geral manteve a postura de que a PF agiu sob estrita ordem judicial de sigilo emitida pelo STF, a qual proibia o compartilhamento de informações com o Executivo. Isso gerou um forte processo de “fritura” de Andrei por parte de ministros políticos, que passaram a acusar a PF de agir com “excessiva independência” e de expor o governo a crises desnecessárias.



# MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Reprodução



Reprodução



Reprodução



■ Em um episódio marcante, durante uma coletiva de imprensa conjunta, Lewandowski interrompeu Andrei publicamente. O diretor da PF sugeriu que o ministério tinha conhecimento prévio de detalhes operacionais de uma ação no Rio de Janeiro, o que foi prontamente rebatido e corrigido pelo ministro, expondo um incômodo explícito da cúpula da pasta com as declarações do chefe da PF.

■ Interlocutores da época de Flávio Dino apontavam que Andrei incomodava o chefe ao buscar total autonomia para a PF, tentando desvincular as grandes operações da imagem política do ministério. Dino, por sua vez, centralizava a comunicação e os anúncios das ações da PF, gerando um clima de “queda de braço” sobre quem detinha o comando real das forças de segurança federais.

■ O último presidente que teve um chefe de Polícia para chamar de seu foi Getúlio Vargas, com Filinto Müller, que despachava diretamente no Catete. Para alguns ex-integrantes do Ministério da

Justiça, Andrei passou para Lula uma figura que misturava traços do Filinto Müller com Gregório Fortunato, que foi o chefe da guarda pessoal de Vargas, uma alusão ao período que Andrei comandou a segurança pessoal de Lula na campanha de 2022, quando ficaram próximos. O garoto com o dedo no buraco na represa viajou com Lula e agora um mar de lama foi derramado no maior colégio eleitoral do presidente.

■ O NOME BAIANO QUE APAVORA O PT NACIONAL E O PLANALTO - Na operação desta quinta-feira (18), um nome fez tremer o PT, muito mais do que as apreensões de Jaques Wagner. Trata-se de uma das mais simpáticas e cativantes figuras da sociedade baiana: Guilherme Henrique Sodré Martins (“Guiga”), publicitário baiano, amigo de longa data de Jaques Wagner e ex-marido da atual esposa do senador. Segundo relatórios da Polícia Federal transcritos na sentença do ministro André Mendonça, ele atuava como in-

terlocutor (“lobista”), fazendo a articulação entre o núcleo empresarial do banco e o entorno pessoal de Wagner.

■ A atuação “Guiga” como articulador político e lobista, não se limita a Jaques Wagner; historicamente, o seu trânsito e influência estendem-se aos principais nomes da cúpula nacional e nordestina do Partido dos Trabalhadores (PT). Devido ao seu perfil de relações públicas de alto escalão e sua proximidade familiar com Wagner, “Guiga” consolidou pontes estratégicas ao longo das últimas décadas.

terlocutor (“lobista”), fazendo a articulação entre o núcleo empresarial do banco e o entorno pessoal de Wagner.

■ Relatórios de auditorias e investigações antigas da Polícia Federal (como a Operação Satiagraha) apontaram que Guilherme Sodré apresentava-se no meio empresarial como alguém “muito próximo” do presidente Lula para abrir portas políticas. Na atual fase da Operação Compliance Zero, interlocutores apontam que as movimentações de seu grupo buscavam blindagem e influência em pautas de interesse bancário diretamente no Congresso Nacional e junto ao Governo Federal.

■ Em 2006, Guilherme foi o responsável direto por aproximar formalmente o então governador eleito da Bahia, Jaques Wagner, e a ministra da Casa Civil da época, Dilma Rousseff. “Guiga” intermediou o empréstimo de um iate de luxo de um empresário baiano para um passeio de descanso das lideranças petistas em Salvador, demonstrando seu papel de livre trânsito e agenciamento social com os principais nomes do partido.

■ No âmbito regional da Bahia (coração político do PT no Nordeste), a influência de Guilherme perpetuou-se por meio de sua família. Seu filho, Eduardo Sodré Martins (enteado de Jaques Wagner) e também alvo da operação desta quinta-feira (18), foi integrado ao primeiro escalão do governo estadual comandado por Jerônimo Rodrigues (PT), assumindo o cargo de Secretário do Meio Ambiente da Bahia. Conforme as investigações da Polícia Federal divulgadas, essa estrutura e os cargos políticos eram utilizados para dar musculatura e credibilidade às cobranças e pressões financeiras feitas a investidores e operadores privados.

■ Durante a célebre Operação Satiagraha (2008), a Polícia Federal identificou Guilherme Sodré como o porta-voz político e principal lobista do banqueiro. Auditorias internas revelaram que a Brasil Telecom (na época controlada pelo Opportunity) repassou R\$ 255 mil a Guilherme por serviços classificados juridicamente como “lobby”. O objetivo era usar sua influência junto ao governo petista para destravar interesses societários da telefônica.

■ ACM NETO RECEBEU R\$ 5,4 MILHÕES DO MASTER - Documentos entregues pelo banco de Daniel Vercaro à Receita Federal e relatórios do Coaf apontam que uma empresa de consultoria de propriedade de ACM Neto recebeu R\$ 5,4 milhões (sendo R\$ 1,55 milhão via Reag Investimentos, gestora parceira e também investigada) entre os anos de 2023 e 2025.

■ Em pronunciamentos, ACM Neto confirmou a prestação de serviços e explicou que os valores correspondem a contratos legítimos de consultoria privada para a análise da “agenda político-econômica nacional”. Ele destacou que os contratos foram firmados e executados em um período no qual não ocupava nenhum cargo público.